

INVEJA, O MAIOR DOS SETE PECADOS CAPITAIS: uma análise sociológica do pecado em *Seven*, filme de David Fincher

Carlos Eduardo de Jesus¹

Ícaro Capanema de Faria²

Albert Drummond³

Se7en – Os Sete Crimes Capitais é um filme norte-americano do gênero policial, mas que envolve também o suspense. Dirigido por David Fincher, foi lançado em setembro de 1995 e estrelado por Brad Pitt e Morgan Freeman. O enredo direciona-se para o processo de investigação de um serial killer, que comete seus crimes seguindo a ordem dos sete pecados capitais, que tem sua origem na Idade Média, com o Cristianismo. Desse modo, ele faz com que suas vítimas provem dos próprios vícios.

A trama se inicia quando o jovem David Mills (Brad Pitt), após passar cinco anos na divisão de homicídios, é transferido para outra cidade. Seu novo trabalho é na divisão do detetive Somerset (Morgan Freeman) que, apesar de reprovar essa situação, irá orientá-lo em alguns casos, antes da chegada de sua tão esperada aposentadoria. Será por acaso que passarão a investigar os crimes deste assassino.

Tudo começa quando os detetives vão analisar uma cena de crime, na qual um homem imensamente obeso foi amarrado e obrigado a comer, exageradamente, até a morte. O vilão, porém, deixa rastros no local. Utiliza gordura para escrever a palavra GULA, atrás da geladeira e, além disso, deixa registrada uma citação do livro **Paraíso Perdido** de John Milton: “É longo e difícil o caminho que do Inferno leva à luz”. Essas são as primeiras evidências de que outras mortes estariam por vir, seguindo a ordem dos sete pecados capitais.

Pouco tempo depois, acontece o segundo crime. Um famoso advogado da cidade é brutalmente assassinado e a palavra COBIÇA é escrita com o sangue da vítima. Somerset encontra outra mensagem do *serial killer*. Dessa vez, trata-se de uma citação de **O Mercador de Veneza**, de William Shakespeare: “Uma libra de

¹ Graduando do sexto período de História (PUC Minas). E-mail: carlos.cej23@gmail.com

² Graduando do sexto período de História (PUC Minas). E-mail: icakapa2@gmail.com

³ Professor orientador.

carne. Nem mais, nem menos. Sem cartilagem, sem osso, só carne. Cumprida esta tarefa ele estaria livre”. (SEVEN, 1995).

Os crimes vão acontecendo e, conseqüentemente, a investigação prossegue. No que está relacionado à PREGUIÇA, a vítima é deixada presa em uma cama durante um ano. E na morte associada à LUXÚRIA, uma prostituta é penetrada por um cliente que é obrigado a usar um adereço sexual dotado de uma lâmina. Ao cometer o crime ligado à VAIDADE, uma linda mulher tem seu rosto completamente desfigurado. O assassino também cola um telefone em uma de suas mãos e um frasco de remédio na outra. Diante disso, o psicopata lhe apresenta duas alternativas: “dormir, adormecer a dor e morrer, ou gritar por socorro e ter a possibilidade de viver com cicatrizes no rosto, para sempre.” (SEVEN, 1995).

Depois desses cinco assassinatos, quando os detetives se deparam com o problema das provas estarem sempre levando a outras provas, o psicopata se entrega e revela ser realmente Jonathan Doe, um suspeito já averiguado. Ao ser preso, ele exige o direito de consultar seu advogado e faz uma proposta: apresentaria à polícia mais dois corpos que estariam escondidos e que ainda faltavam na lista dos sete pecados capitais, se fossem garantidos, na prisão, direitos como TV a cabo e alguns outros confortos. Ainda como condição, queria ser conduzido somente pelos responsáveis pelo caso, Mills e Somerset. Atendida às exigências, Doe leva os detetives a um local isolado onde expressa sua repulsa ao mundo e tenta justificar as mortes das outras vítimas, questionando o “direito” que elas tinham de viver: “[...] nós vemos um pecado capital em cada esquina, em cada lar, e o toleramos. Nós o toleramos porque é comum, trivial. Nós o toleramos de manhã, de tarde e de noite. Quer dizer, tolerávamos [...]” (SEVEN, 1995). Nesse meio tempo, uma entrega endereçada a Mills chega ao lugar onde eles estão. Doe, então, confessa ter matado a mulher do jovem detetive, não por ser ela uma das pecadoras, mas para despertar no policial o pecado da IRA. Transtornado, Mills atira no assassino que, antes de morrer, confessa ser o representante de mais um pecado capital: a INVEJA.

Ao se estabelecer uma relação entre inveja e sociedade cria-se a possibilidade de tecer algumas reflexões, afinal, o pecado da inveja, sendo uma espécie de fio condutor do enredo, acaba por se sobrepor aos outros pecados. Partindo para uma perspectiva social, a representação da inveja pode ser analisada em comparação com a nossa realidade. Seria ela um pecado condutor também de

nossa sociedade? Como nós nos relacionamos com a inveja e com os invejosos? Segundo Epstein (2004, p.35): “A inveja, poder-se-ia facilmente argumentar, talvez seja o mais cruel de todos”.

De maneira discreta ou disfarçada, ela se faz presente na sociedade contemporânea sendo, muitas vezes, mantida em segredo no mais íntimo dos indivíduos. Esse aspecto frio e dissimulado faz com que o invejoso acabe cometendo os outros pecados capitais.

O autor Francesco Alberoni (1996) evidencia três etapas da reação invejosa: a perda de valor próprio, o ódio e a condenação social ao invejado. A perda de valores pode desembocar na preguiça, quando o indivíduo se inferioriza e passa a não buscar o que o invejado possui; ou na luxúria, quando passa a desvalorizar a si mesmo e, conseqüentemente, o próprio corpo. O ódio e a condenação social podem levar ao pecado da ira, a partir do momento em que o invejoso passa a agredir física ou socialmente o invejado.

Continuando com as ideias de Alberoni (1996), evidencia-se que, por vivermos em uma sociedade com preceitos majoritariamente cristãos, acabamos por condenar a inveja e transformar essas três reações do invejoso em três culpas: rebelar-se ou negar/duvidar do julgamento social, agressividade e autocondenação.

Como exemplo disso, temos o próprio vilão do filme que se rebela contra o julgamento social, utilizando a agressividade para exteriorizar sua repulsa e sua dificuldade em adaptar-se ao mundo, sendo esta também sua autocondenação.

Pode-se dizer que a sociedade atual, de certa forma, incentiva a inveja. Vivemos em um mundo competitivo devido ao capitalismo, sistema no qual nem todos têm as mesmas chances, o que faz com que acabemos fomentando as diferenças sociais e, por consequência, a inveja que, como já citado anteriormente, possibilita a reprodução de outros pecados capitais.

Temos vários exemplos de inveja e seus desdobramentos na sociedade contemporânea, alguns menores, e em escala privada, e outros, mais expressivos:

Muitas – da vontade de escrever “a maioria” – das guerras foram travadas por causa da inveja de uma nação pelo território de outra e todas as riquezas daí derivadas, ou porque uma nação sente que suas riquezas, ciosamente guardadas, estão sendo ameaçadas pelas menos ricas, que tendem, portanto, a invejar sua posição superior. (EPSTEIN, 2004, p.83).

Entende-se, então, que a relação entre os invejosos e os invejados na sociedade contemporânea é, basicamente, um reflexo do capitalismo e que a inveja é alimentada e incentivada pela competitividade existente nesse sistema. Dessa maneira, pode-se afirmar que ao cometermos esse pecado, conseqüentemente, cometemos os outros, e que a inveja, sendo inerente ao homem, é o maior dos sete pecados capitais por ser a essência de conflitos, problemas e atribuições que atingem a humanidade.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **Os invejosos**: uma investigação sobre a inveja na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco. 1996.

EPSTEIN, Joseph. **Inveja**. São Paulo: ARX, 2004. (Coleção sete pecados capitais).

SEVEN: os sete crimes capitais. Direção: David Fincher; Produção: Arnold Kopelson, Phyllis Carlyle. Estados Unidos: PlayArte, 1995. 1 videocassete (128min.): VHS, som., color.